



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Rasera, Emerson F.; Japur, Marisa

Contribuições do Pensamento Construcionista para o Estudo da Prática Grupal

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 201-209

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814117>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

 redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Contribuições do Pensamento Construcionista para o Estudo da Prática Grupal

Emerson F. Rasera

Marisa Japur^{1,2}

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Resumo

O construcionismo, como forma de elaboração da crise paradigmática que têm vivido as ciências humanas, concepções sobre a produção do conhecimento e os processos psicoterapêuticos. Neste artigo, buscaremos nos processos relacionais e a centralidade da linguagem promovidas pelo construcionismo transformacional grupal. Através de um exemplo empírico, apontaremos algumas implicações metodológicas da aplicação construcionistas ao estudo da prática grupal, tais como a explicitação do caráter construído do grupo, a negociação, a perspectiva discursiva de construção da pessoa e a consequente redefinição da homogeneidade, delimitações sociais destes processos grupais. Finalizamos o artigo indicando outros desdobramentos necessários ao desenvolvimento destas contribuições aos estudos dos grupos.

Palavras-chave: Construcionismo; psicoterapia de grupo; metodologia qualitativa.

Abstract
Social constructionism, as a human sciences paradigmatic crisis elaboration, rebuilds some conceptions of reality and psychotherapeutic processes. In this article, we point out how the emphasis on the relational properties of language promoted by constructionism change the study of group work. Using an empirical example, we analyze the methodological implications of constructionist assumptions for the study of group work, as i) the construction of the group and its negotiating process, ii) the discursive approach of person construction and the consequences of self-redefinition and iii) the social constraints of group processes. We conclude this article pointing out the methodological developments necessary to unfold these contributions to group study.

Keywords: Constructionism; group psychotherapy; qualitative research

O Construcionismo

O construcionismo, situado como uma forma específica de elaboração da crise paradigmática enfrentada pela ciência nas últimas décadas, tem desenvolvido um novo arcabouço teórico baseado em uma concepção não

uma nova agenda de pesquisas, que integra transformações - produzidas pelo pensamento da Escola de Frankfurt, e do movimento teórico-literário pós-estruturalista, na sociologia do conhecimento.

Para ele (Gergen, 1997), os seguintes pressupostos são centrais para uma perspectiva construcionista do conhecimento:

a) As descrições do mundo não guardam correspondência com uma realidade situada para além das formas de dizê-la, mas são elas próprias maneiras de construção desta realidade.

b) As descrições sobre o mundo são resultado da coordenação da ação humana, ou seja, dos significados construídos em relacionamentos. Estas descrições são produtos de trocas historicamente situadas entre as pessoas. Desta maneira, a possibilidade lógica de inúmeras formas de descrição da realidade é limitada pelas condições concretas das construções histórico-cultural dos sistemas de significação.

c) A permanência de determinadas descrições do mundo ao longo do tempo depende das vicissitudes dos processos sociais de negociação, comunicação, conflito e consenso, existentes em uma comunidade lingüística, e não de sua validade objetiva.

d) A linguagem deriva sua significação a partir das formas pelas quais funciona no interior de certos padrões de relacionamentos. Ou seja, o significado das palavras é decorrente do seu uso social, das formas pelas quais são utilizadas nos relacionamentos existentes.

e) Determinadas ‘comunidades de inteligibilidade’ podem produzir avaliações a respeito da credibilidade e aceitabilidade de certas afirmações a partir dos relacionamentos que as constituem. Contudo, os critérios de validade aí existentes não possibilitam a auto-avaliação, nem a avaliação do impacto de certos conjuntos de afirmações em outras comunidades próximas. Faz-se necessário então avaliar criticamente as diversas inteligibilidades a partir de uma outra posição, explorando seu impacto na cultura. A partir do momento que tais avaliações possam ser absorvidas pelas comunidades avaliadas, novas formas de diálogo entre diferentes comunidades serão produzidas.

dicotomia sujeito-objeto. Como terceiro entendemos que ele produz um questionamento da natureza do real, impondo uma nova perspectiva que vem a ser a verdade e a objetividade repensadas a partir de critérios éticos de inteligibilidade, rigor e consequência no conhecimento gerado. Estes pressupostos portanto, uma visão de ciência enquanto ciência histórica, questionando uma retórica objetivista, universalizante e ahistórica.

A Centralidade da Linguagem

Uma outra implicação desse construcionista é privilegiar o estudo enquanto constituinte de práticas sociais sobre a produção do conhecimento, deixando de focalizar o estudo da mente. A linguagem é considerada como atividade e sua análise deve focalizar o relacionamento entre pessoas, e não o indivíduo, como produtor e do entendimento. Segundo Gergen (1997), “nascemos para a coordenação relacional, [que] nascemos para a linguagem através da linguagem nós adquirimos normas que nos fazermos inteligíveis. O relacionamento social é o fundamento de então o indivíduo como unidade fundamental social” (Gergen, 1997, p. 253).

De acordo com esta forma de conceber a aprendizagem, as pessoas
é através dos momentos interativos entre elas e o ambiente, em que
quais elas têm que continuamente reagir de maneira espontânea e praticamente, através de uma
ativa e responsiva, que se poderá compreender como as
pessoas se constróem. A ênfase é no processo de conhecer e responder ativamente
pessoas.

Esta visão da produção do significado é a relação com o outro, como fundamento humano. Nas pelegrinagens de Bakhtin (1982),

"Ser significa comunicar - ser significa

quando outros adicionam alguma forma de ação suplementar, linguística ou não. Não se trata de uma relação de ação-reação, mas de ação conjunta.

c) A suplementação, por um lado, garante um potencial de significação para o enunciado, fazendo-o significar de uma forma específica, mostrando sua diferença em relação a outro significado. Por outro lado, ao significar de uma maneira dentre as possíveis, a suplementação delimita a significação cerceando seu potencial.

d) Uma suplementação não fixa determinado significado, tendo apenas um caráter temporário, estando sujeita a uma nova suplementação. Isto faz com que uma suplementação esteja aberta a novas significações em um processo de negociação de um relacionamento do qual esta ação de suplementação faz parte.

e) O processo de significação não é determinado apenas pela relação imediata entre as pessoas que ‘produzem sentido’, mas pelo conjunto de outros relacionamentos dos quais estas pessoas participam e já participaram. À medida que nos comunicamos com pessoas com as quais não nos relacionávamos, estas passam a suplementar nossos padrões de relacionamento, modificando potencialmente os sentidos aí construídos. A potencialidade de significação está referida, em última instância, às condições relacionais da sociedade em que vivemos.

f) As ações têm significado dentro de seqüências relativamente estruturadas. Assim, as pessoas desenvolvem uma ‘ontologia’ à medida que compartilham determinadas descrições do mundo que levam à coordenação das ações aí pertinentes e que possibilitam, então, a continuidade de seus relacionamentos. Trata-se de uma ontologia relacional, marcada por um conjunto de definições comuns que orientam expectativas e permitem ações congruentes.

g) Tendo apontado como a coordenação das ações, as ontologias e portanto o entendimento entre as pessoas se desenvolvem, é importante também entender como

ressignificam relacionamentos. A potencialidade para novas significações, de ações, traz consigo a diferença, o desentendimento. O prazer de produzir cultura, ao produzir ao mesmo tempo dispersão de sentidos, gera desentendimentos e do que o mundo não é, o que impede o entendimento e desentendimento.

A Produção do *Self*

Esta teoria relacional e dinâmica de significado tem implicações para a definição do eu, à produção do self. O self é considerado “uma expressão de si, da linguagem e da narração” (Anderson, 1996, p.195). Para o construcionismo, o self é compreendido como algo estabelecido no interior do ser humano, no campo narrativo. Ou seja, “o produção de si é direta, uns aos outros e a nós mesmos, quando os outros narram para nós e se narram” (Anderson, 1996, p. 195). O self é, assim, uma estrutura pessoal privada, que se manifesta como um discurso que ocorre no interior da pessoa.

Assim, ao deslocarmos nossa atenção para o campo de comunicação, para o campo da conversação, o *self* emerge, de modo mais evidente, no campo relacional. Isto é, algo que é produzido em função dos relacionamentos, naquilo que é dito e feito juntas e, portanto, delimitado por esses mesmos relacionamentos. Marca-se então a possibilidade de ações possíveis e outras impedidas no campo relacional, que as pessoas fazem juntas que permitem a coordenação de determinadas linhas de ação e de sentidos. De acordo com Gergen “(...) a narrativa é a estruturação da realidade lingüístico fixado em seqüências de ações empregadas nos relacionamentos, que permitem promover ou impedir diversas possibilidades de ação” (Gergen, 1996, p. 190).

precisa tanto aceitar a descrição a respeito de si mesmo, bem como o lugar reservado a ele nesta narrativa. Cria-se assim, socialmente, uma ‘rede de identidades recíprocas’, cuja trama sensível pode ser mudada assim que qualquer um dos participantes se modifica. Deste ponto de vista, uma identidade nunca é individual, mas dependente de um conjunto de relacionamentos (Gergen, 1997).

Esta co-autoria na produção do *self* através da conversação nos aproxima de um outro conceito que versa sobre as implicações identitárias de determinados sentidos produzidos nas interações, ou seja, de como o *self* é produzido discursivamente. Este conceito é o de posicionamento. Desta perspectiva, “(...) um indivíduo emerge através dos processos de interação social, não como um produto final relativamente fixo, mas como alguém, que é constituído e reconstituído através das práticas discursivas nas quais participa” (Davies & Harré, 1990, p. 46).

Há assim, uma multiplicidade de selves, coerentes e contraditórios, que são articulados por nós em cada momento segundo as exigências de uma conversa. A cada conversação, ao fazer escolhas ativas entre demandas muitas vezes contraditórias, buscamos recortar a diversidade que nos constitui para a produção de uma história de nós mesmos que é unitária e consistente. Nesta busca nos apoiamos no significado emocional das posições possíveis, nas estórias através das quais determinadas categorias e emoções fazem sentido e no sistema moral que legitima tais escolhas (Davies & Harré, 1990). Não há uma história de vida única a ser contada.

Contudo, há uma demanda cultural para uma narrativa de *self* estável. Em determinadas negociações da vida social é necessário fazer-se compreender como portador de uma identidade coerente, integrada e durável. A identidade pessoal, assim, é resultado dos relacionamentos que a exigem. Em termos narrativos, as pessoas podem se apresentar de diferentes formas dependendo do contexto relacional, tendo muitas vezes que produzir e manter diferentes selves de acordo com o contexto.

dinâmica da trama de relacionamentos em que a pessoa está inserida.

A Psicoterapia Construcionista

O construcionismo se faz presente na psicoterapia a partir de uma série de críticas que impregnaram e ainda impregna a intervenção em saúde mental. Entre elas podemos apontar, segundo McNamee (1995), o reconhecimento de vieses ideológicos e práticas psicoterápicas que atuam na manutenção de um determinado status quo; o deslocamento da terapia como centro de disfunções para o funcionamento das unidades familiares e contextos sociais mais amplos na busca de ‘patologia individual’; a desconstrução das pressuposições do terapeuta na construção de sua visão sobre a realidade e da interpretação terapêutica; a reflexão feministas e de ex-pacientes de problemas de respeito da opressão e da objetificação psicanalítica; e os sistemas de classificação de doenças.

A partir destas várias críticas, os teóricos socioconstrucionistas, ligados ao pensamento moderno, vêm promover uma redefinição do que é terapeuta e operar da psicoterapia. Segundo Gergen (1997), as mudanças estão referidas ao foco da psicoterapia, ao relacionamento entre terapeuta e paciente e à redefinição do que vem a ser a doença.

Assim, o foco da ação terapêutica muda de paciente para os processos mentais e enfatiza a importância dos processos microssociais. A terapia muda de tratamento para processo. A influência construcionista tira o foco da terapia para a pessoa, suas cognições e constructos individuais e coloca-o no contexto social. Seu discurso em uma visão da linguagem e do processo social. Outros conceitos passam a ter maior relevância na prática psicoterápica, como os de narrativa, de estória, de estória e de narrativa (Gergen & Gergen, 1997; Anderson, 1997; Bakhtin, 1997) e posicionamento (Harré, 1990).

construções sobre doença e cura, as implicações destas, e a possibilidade de construções alternativas, reconhecendo a participação do terapeuta e do cliente na cultura.

Estas mudanças propostas na prática psicoterapêutica estimulam conversações dialógicas, nas quais, através do cultivo da curiosidade (Gergen & Kaye, 1998), da reflexividade (Andersen, 1999), do partilhar os pensamentos com o cliente (Cecchin, 1998; Lax, 1998), da introdução da diferença e da proposição de novas formas de descrição dos eventos (Fruggeri, 1998), busca-se a construção de novas narrativas no processo de produção do *self*.

Contudo, o que importa no processo psicoterapêutico não são apenas as formas alternativas surgidas no diálogo com o outro mas também o aparecimento de uma nova ordem de sentido em tais possibilidades. Neste processo, a ênfase não está posta na produção de mudanças, mas antes de tudo, na abertura de espaços para conversação. Para isso é necessário, segundo Gergen e Kaye (1998), um diálogo transformador em que se negoiciem novos entendimentos, bem como premissas a respeito do sentido.

Para Anderson, o resultado de uma terapia exitosa está relacionado à liberdade e esperança promovidas pela sensação de auto-agenciamento (*self-agency*) na produção das narrativas de *self*. Tal sensação pode ser produzida através da construção de novas narrativas em primeira pessoa que permitam o contar de “uma nova história que seja mais tolerável, coerente, e contínua com a intenção presente” (1997, p. 231).

O Construcionismo no Campo da Psicoterapia de Grupo

Apesar das inúmeras contribuições que têm ocorrido no campo da psicoterapia individual, e especialmente da psicoterapia familiar, referentes às implicações das concepções construcionistas para a prática psicoterapêutica (Anderson, 1997; Friedman, 1993; McNamee & Gergen,

Estudando um grupo portadoras do HIV (Rasera, 1997; Spink, 1999), diversas concepções produzidas construcionistas (Davies & Higgs, 1997; Spink, 1999), pudendos concepções redimensionam e redefinem a descrição da prática grupal. A descrição é concebido como algo existente, mas como algo construído na interação entre o diálogo e o discurso social. Para os construcionistas, o grupo constitui um espaço privilegiado de construção de sentidos, processo uma vez que ele possibilita ao grupo o aspecto dinâmico, relacional, de negociação e de vida entre os participantes.

Em nossa leitura socioconstrucionista do diálogo de grupo, enfocamos o processo de construção entre os participantes, buscando o que é produzido, desconstrouídos alguns significados e sentidos entre os participantes, e como são construídas as narrativas sobre a vida e as condições de vida desse grupo enfatizamos o processo de construção qual a análise do dialogismo. O diálogo de grupo constituiu um aspecto central da psicoterapia de grupo, no qual o diálogo é o ponto de partida, no plano as múltiplas relações de interlocutores e dando voz a todos que se defrontam na psicoterapia de grupo. No caso da psicoterapia de grupo, a partir desta perspectiva, o diálogo é concretamente a um conjunto de interações marcadas pelo conjunto de interlocutores e pelo dizer dos interlocutores e pelo ouvir.

Análise de uma Sessão de Terapia de Grupo

A partir das proposições acima expostas, utilizaremos de fragmentos de diálogos para exemplificar algumas implicações das concepções construcionista para o estudo da psicoterapia de grupo.

participava pela segunda vez e Carlos, pela primeira. Nesta sessão, Marcos chega atrasado. Há uma tensão entre os participantes que negociam ativamente suas diferentes descrições do viver com HIV/aids, pautados por uma lógica de culpabilização/vitimização.

Metodologicamente, a análise foi marcada pela operacionalização dos conceitos de dialogismo e posicionamento, centrais para uma pesquisa/prática inspirada no construcionismo. Esta operacionalização se reflete nos seguintes passos:

- 1) Leitura exaustiva da transcrição da sessão escolhida;
 - 2) Análise seqüencial de todo o material transcrito: inicialmente, resumimos a transcrição da sessão, mantendo o número de turnos, de falas de cada participante durante a mesma. Então, colorimos as falas de cada participante com uma cor, possibilitando visualizar de forma global as seqüências das falas dos participantes, a interação entre eles.
 - 3) Construção de eixos processual e temático: a partir das leituras construímos eixos de análise que permeavam a construção dos sentidos nos diversos momentos da sessão: eixos processual e temático. Este último se refere ao objeto de discussão das conversas grupais, os conteúdos, os assuntos, os sentidos. O eixo processual se refere ao ato que tal discussão promovia, ou seja, aproximação, distanciamento, atenção, indiferença entre os participantes. A análise através do eixo processual fez nascer um sentido outro para as diversas temáticas desenvolvidas na sessão.

4) Construção de delimitações temáticos-sequenciais: as delimitações temático-sequenciais constituem recortes sequenciais de momentos da interação grupal que indicavam como se davam algumas formas de construção dos sentidos. Eles eram marcados por uma temática e uma duração no tempo. Cada momento consistiu de um conjunto de enunciados no qual havia uma disputa pelos sentidos que determinada questão trazia, produzindo uma ampliação ou restrição dos significados até ali enunciados. Essas construções de sequenciais eram realizadas

material e da análise seqüencial, cons processual denominado ‘negociação da eixos temáticos denominados ‘ser ‘encontrar apoio’. Concomitante à criação sessão foi delimitada em 10 momentos restrição de espaço, apresentaremos significativos na interação grupal por poss o dialogismo intra e inter momentos da s o jogo de posicionamentos em diferen

Momento 1

O Estranho que Chega

Este é o momento inicial do grupo, presentes o terapeuta, Carlos, Ana, momento é realizado o contrato no grupo, as possibilidades narrativas do estabelecimento do contrato, Carlos se apresenta como Carlos-que-sabe-tudo-de-tratamento e Carlos-que-foi-expulso-de-um-seminário mental.

"Só me expulsaram de lá porque um rapaz meu lado. Levantou. Aí eu peguei e não ia deixar pegar eu não. Aí eu peguei dentro. Aí eles expulsaram eu de lá."

Sinal de ameaça ao grupo que fazia perguntar: com quem é possível trabalhar? O que trabalhamos aqui? De que forma contrato, especificando algumas características do trabalho e das pessoas ali envolvidas.

"O que a gente fala? No que que eu p
um grupo para pessoas portadoras do
gente conversa? Geralmente, sobre a vida
que que ela tem, o que que a questão do I
na vida das pessoas né. Então aqui acaba
essas pessoas conseguem falar um pouco

já ouvidas por eles em suas vidas, em outros atendimentos grupais do terapeuta e em outros atendimentos nos quais Carlos participou. A dialogia que articula diferentes vozes das múltiplas experiências dos participantes e dos contextos extra-grupais.

Há um duplo sentido no contrato proposto pelo terapeuta, a partir da fala de Carlos e da reação dos outros participantes em relação a ele: aproximação das diferenças, facilitando a interação entre os participantes e afirmação de uma distinção entre Carlos e os outros do grupo. Este contrato contribuirá na determinação das possibilidades de outras descrições sobre o viver com HIV para os participantes.

Momento 6

A Diferença Explicitada: Guinada na Sessão

Até este momento, passada mais da metade da sessão, se produziu a aproximação de Marcos, Maria e Ana, através da semelhança do posicionamento de vítimas frente à vida com aids. A inserção de Carlos na sessão tem sido dificultada pela posição contrária sustentada por este. Conversam, neste momento, sobre o apoio familiar e a revelação da soropositividade. A partir dos comentários de Ana sobre a falta de apoio do ex-marido, e seu isolamento social, Carlos-responsável se posiciona quanto à revelação da soropositividade:

"Eu vou ser sincero, eu, aonde eu moro ali, todo mundo sabe que eu tenho. Eu nunca menti pra ninguém, eu falei 'eu tenho, eu portei, eu procurei, e eu vou assumir'".

Fala que, em um jogo de posicionamentos, faz dos outros participantes do grupo, que não revelaram o status de soropositividade, serem considerados irresponsáveis. Tensão na sessão. Necessidade de combater determinados sentidos decorrentes da fala de Carlos.

"Mas aí a gente tem criança pequena, os filhos da gente também podem sofrer" (Maria, em tom confrontativo).

"Isso..." (Ana fala ao mesmo tempo)

“Os meus filhos todos sabem que eu tenho a doença”.
Carlos)

infecção. Neste momento, elas a posição de vítimas (mulheres e de culpadas (mães-que-transi) posicionamento frente à infecção (marido-mulher x mãe), posições (vítima x culpada). Na transição de posições na dialo-

Momento 8

O Estranho em Nós

Decorrente da conversa sobre soropositividade, no momento da questão da cura da aids, o que é maior. O terapeuta tenta aproximar-se ao paciente, no momento oito, ele investiga em que medida o paciente é viver sabendo que essa doença

Surge então, Carlos-com-
processo desta sessão com
vitimização de Carlos

“(...) eu tenho pouco tempo
Quer dizer, então agora, tá na hora
tô vivendo o meu dia-a-dia,
grande sorriso e agradeço a Deus
isso”

Ao mesmo tempo, sur-
retomando-se alguns sentidos
como Marcos culpado;

“A maior pessoa culpada é

“(...) eu olhava pra ele [o

Deus tá me castigando tanto, tá tudo isso? Descobri na minha do HIV, meu filho". (Ana)

"A gente se culpa né ... a

passa a gravidez inteira se culpa. Ao longo da sessão, há ums participantes: a vitimização dos outros. O desconforto, o desespero, a relação às narrativas de Carlos, na sessão, parecem agora tanto

A Atenção à Negociação e à Construção dos Participantes

Comparativamente a outras formas de pensar e intervir em grupo, esta forma de análise permite substituirmos uma ênfase unitária, seja no indivíduo, seja no grupo, por um reconhecimento da multiplicidade. Assim, o entendimento do que ocorre no grupo não precisa ser buscado nas realidades mentais de cada participante do grupo, nem em um movimento grupal, resultado de algum processo que o transcende.

O foco no processo comunicacional aproxima o movimento grupal do movimento discursivo, ou seja, o entendimento do grupo decorre do acompanhar as suplementações que ocorrem a partir da expressão de cada participante. Este acompanhar as suplementações se traduz em uma postura de atenção à negociação dos sentidos e das diferenças na conversação.

Esta atenção à negociação mostra como os sentidos são determinados pelos lugares de cada participante na sessão e pela significação social das versões e descrições aí negociadas. O foco se torna a dialogia existente nesta produção de sentido que se presentifica pelas vozes sociais, pelos diferentes discursos que povoam a realidade que vivemos. O grupo é, assim, entendido como constituído de inúmeras conversas que se dão intra e interlocutores, bem como com os discursos sociais mais amplos.

Esta forma de pensar grupo o situa dentro das possibilidades e limites dos repertórios sociais de descrição da realidade, tornando a prática grupal mais sensível a estes repertórios que atravessam o grupo, tirando de foco seja o indivíduo, seja o grupo, como realidade privilegiada. A ênfase está voltada para o processo de construção da realidade e de si mesmo através das possibilidades de negociação existentes nas relações grupais.

Assim, associada a esta postura de atenção à negociação, à ênfase na dialogia, está a análise da construção das pessoas através de sua participação no grupo, ou seja, os diversos posicionamentos tornados possíveis no grupo.

Contudo, ele também coloca os outros em suas posições. No momento 6, ele posiciona-se e revelaram publicamente a soropositividade irresponsáveis. Este processo de posicionamento demanda negociações. Os outros participantes reagem a este posicionamento.

Nos diferentes momentos podemos observar uma mudança de posicionamento. Carlos passa de responsável pela própria infecção pelo HIV para uma posição de esperança e de morte, da qual nada depende.

É a interação com o outro que pode fazer com que a descrição de *self* seja estabilizada, que os relacionamentos e se transforme em outras coisas. Neste momento da sessão pudemos observar que uma mudança de posicionamento, que abre possibilidades de descrição de si, outras possibilidades para si e para a vida com HIV se fazem presentes.

Através desta análise podemos concluir que:

- uma sessão de grupo é marcada por processos de negociações entre seus participantes;

- a possibilidade de negociação entre os participantes e suas descrições do *self* e da vida é marcada por processos de negociação entre os participantes e suas descrições do *self* e da vida.

- c) a homogeneidade grupal, antes considerada, é rompida por processos de negociação entre os participantes e suas descrições do *self* e da vida.

- d) as intervenções de cuidado ao paciente e ao grupo estão vinculadas a processos sociais mais amplos, que envolvem a discriminação existente em torno da condição de HIV/AIDS.

Outros Desenvolvimentos

Este texto esboça algumas ideias de pensamento construcionista para o estudo da realidade social, apontando para o caráter construtivo do processo de negociação, a perspectiva de construção da realidade e de si mesmo através das possibilidades de negociação existentes nas relações grupais.

continuidade-descontinuidade, devem ser construídos para que se estude a dialogia da produção de narrativas do *self* ao longo de um conjunto de sessões e se compreenda a articulação complexa entre os tempos da intervenção grupal e da produção do *self*.

Além disso, questões ainda por serem desenvolvidas em uma abordagem construcionista no campo da psicoterapia individual e familiar, também o são na psicoterapia de grupo, tais como a transferência dos ‘efeitos terapêuticos’ para outros contextos, a ética das descrições produzidas nas sessões, e a política das relações entre terapeuta e participantes e destes entre si. No estudo dos grupos, outras concepções clássicas, como as de cultura grupal e desenvolvimento do grupo, podem ser problematizadas. Além disso, desenvolvimentos teóricos que produzem conceitos que norteiem as intervenções do terapeuta para o manejo de negociações entre vários participantes ao mesmo tempo, como ocorre no contexto da psicoterapia de grupo, permanecem como desafio para novos desdobramentos.

Referências

- Andersen, T. (1999). *Processos reflexivos* (R. M. Bergallo, Trad.). Rio de Janeiro: Instituto NOOS/ITF.
- Anderson, H. (1997). *Conversation, language and possibilities*. New York: BasicBooks.
- Bakhtin, M. (1984). *Problems of Dostoevsky's poetics* (C. Emerson, Trad.). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Bakhtin, M. (1997). *Marxismo e filosofia da linguagem* (M. Lahud & Y. F. Vieira, Trad.). São Paulo: Hucitec.
- Cecchin, G. (1998). Construindo possibilidades terapêuticas (C. O. Dornelles, Trad.). Em S. Mcnamee & K. J. Gergen (Orgs.), *A terapia como construção social* (pp. 106-116). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Davies, B. & Harré, R. (1990). Positioning ourselves. *Journal for the Theory of Social Behavior*, 20, 1-20.
- Friedman, S. (Org.) (1993). *The new language of therapy* (C. O. Dornelles, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fruggeri, L. (1998). O processo terapêutico: mudanças (C. O. Dornelles, Trad.). In S. Mcnamee & K. J. Gergen (Orgs.), *A terapia como construção social* (pp. 106-116). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gergen, K. J. (1985). The social construction of reality: a psychological perspective. *American Psychologist*, 40, 4-11.
- Gergen, K. J. (1997). *Realities and relations*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Gergen, K. J. (1999). *An invitation to social construction*. London: Sage.
- Gergen, K. J. & Gergen, M. M. (1988). *Advances in experimental social psychology*. New York: Academic Press.
- Gergen, K. J. & Kaye, J. (1998). Além da terapêutica (C. O. Dornelles, Trad.). In S. Mcnamee & K. J. Gergen (Orgs.), *A terapia como construção social* (pp. 106-116). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Goolishian, H. A. & Anderson H. (1990). Pós-modernos da psicoterapia (J. Schmitz, Trad.). In S. Mcnamee & K. J. Gergen (Orgs.), *Novos paradigmas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lax, W. (1998). O pensamento pós-moderno (C. O. Dornelles, Trad.). Em S. Mcnamee & K. J. Gergen (Orgs.), *A terapia como construção social* (pp. 86-105). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mcnamee, S. & Gergen, K. J. (Orgs.) (1998). *Advances in experimental social psychology*. New York: Academic Press.
- Owen, I. R. (1992). Applying social constructionist theory to clinical practice. *Counselling Psychology Quarterly*, 5, 38-53.
- Rasera, E. F. (1999). *Grupo de apoio para pessoas com deficiência intelectual: possibilidades terapêuticas*. Dissertação de Mestrado. Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SP.
- Spink, M. J. P. (Org.) (1999). *Práticas discursivas e suas possibilidades terapêuticas*. São Paulo: Cortez.